

CALIBURN

EXCALIBUR emerge, refulgente, empunhada por mágica mão de dama saída do centro do lago...

Eis o ressurgir do mito na sua expressão milenar “céltica”, da Senhora das Águas – vaga memória do seu passado atlante, dum Mito que passa pelo Outromundo e pelo Submundo.

Qual relâmpago cujo clarão corta com seu poder ofuscante a treva da ignorância e da injustiça, ela manifesta-o, contudo, no seu duplo aspecto, proveniente da sua dupla lâmina: destruidor e construtor... ou seja, só corta o que necessita de ser cortado permitindo que o aproveitável continue e seja usado na reconstrução!

Uma “mão” – multifacetada, aliás – a maneja e seu espectro luminoso, cristalino, tinge de várias cores aqueles aptos a utilizá-la. E suas cores são outros tantos sons das vozes dos seus portadores. Sim, porque ela é também esse Verbo e é-o, em particular, nesta velha Terra dos Luxios agora acordada de seu secular sono... Mas tal peleja envolve várias linhas de combate, umas mais exteriores com nomes como Ciência, outras mais interiores e subtis que se aproximam ou integram a vasta Arte Real.

Aliás, desde há décadas, senão séculos, algumas Pessoas desta terra a vêm invocando e até antevendo a hora da sua nova saída do lago, pronta a ser empunhada por novo Galaaz e novo Artur, após o ressurgimento de um novo Merlin, que não poderá estar, agora, por muito mais tempo “encoberto”. Daí aquele

“Vem Galaaz com pátria erguer de novo
mas já no auge da suprema prova
a alma penitente do teu povo
à Eucaristia nova”

expresso como grito final e “Mensagem”. A mesma Pessoa antevia, que breve, muito breve, o “Mestre” empunharia de novo a Excalibur, a mesma e no entanto agora de dimensões gigantescas, porque os tempos o exigem, e porque não é um país mas o mundo que se encontra dividido e impregnado da peste, da fome e da falta de trabalho, daí o seu

“Mestre da Paz ergue o teu gládio ungido
Excalibur do fim em jeito tal”...

E por tal, um dia, Ciência, Arte, Religião, Política e Ensino não mais serão “assuntos” separados, de “seres separados e separadores” mas de novo brilhará a Tradição Primordial, unificadora do Ser, por toda a parte – a única capaz de conduzir o homem ao paraíso perdido, àquele estado primitivo de pureza de onde um dia saiu... Porém, antes disso urge, como disse o Poeta, “que sua luz ao mundo dividido” revele “o Santo Graal”.

.....

Para o cavaleiro é dada a espada, que é feita á semelhança da cruz, para significar que assim como Nosso Senhor Jesus Cristo venceu na cruz a morte na qual tínhamos caído pelo pecado do nosso pai Adão, assim o verdadeiro cavaleiro com a espada deve vencer e destruir os inimigos da cruz. E porque a espada é cortante de dois gumes, e a cavalaria é para manter a justiça, e a justiça é dar a cada um o seu direito, por isso a espada do cavaleiro significa que o cavaleiro deve manter com a espada a cavalaria e a justiça.

Extracto do “Livro da Ordem de Cavalaria” de RAMON LULL

Na sua “Mensagem”, no poema “Encoberto”, Fernando Pessoa deixou-nos esses magníficos versos:

(...) “Na cruz que é o Destino a Rosa que é o Cristo”
(...) “Na Cruz morta e fatal a Rosa do Encoberto”

A cruz vai pois identificar-se com a própria vida, com o Destino (ou Carma) de cada um, com a Vida sacrificada neste corpo de sofrimentos até que essa Rosa – que é o Estado Ungido – se manifeste.

Aquele que esteve Encoberto por idades sem conta manifestar-se-á... Então, a cruz encontrar-se-á finalmente “morta” e nela emergirá, como símbolo final, a Rosa do Encoberto!

A justiça deve ser, no ver de Ramon Lull, mantida pela espada, para que cada um tenha o direito à sua vida, ou seja, de assumir a sua cruz até a superar, até se libertar da ilusão criada com o quaternário dos elementos... E quem são, então, os inimigos da Cruz por ele referidos? Serão todos os elementos que contrariam, pois, essa Via para essa “morte iniciática” que dará nascimento à Nova Vida e, finalmente, ao acesso à Eternidade aqui ou além da expressão física.

ASSIM OUVI DO MESTRE

J á em pleno século IX, a península ibérica encontra-se sob o domínio (ou fusão) árabe, que tanto concorreu para a cultura que ela mesma serviu de portadora aos povos ameríndios.

E séculos e mais séculos antes, ainda, o manu *Ur-Gardan* (Ur, Fogo; Gardan, donde provém o Garden ou Jardim, na língua anglicana), conduzia um ramo celta para o litoral europeu, ou seja, o “velho Portugal” – *Portus-Galliae*, de galos ou gauleses – que a intuição do insigne poeta lusitano cognominou de “Jardim da Europa á beira-mar plantado”.

E por termos falado dos monstros do fim do ciclo, seguidos por outros monstros ou degenerados que lhe são simpáticos, -pouco importa a que país pertençam...- tivemos ocasião de dizer em velho estudo nosso publicado nesta revista, à guisa de profecia, que “em breve o imperador Hailé Salassié faria uma vilegiatura ao país de onde fora destronado”, por conhecermos melhor do que outros sua verdadeira origem... E, conseqüentemente, que o Leão de Judá (que figura em vários brasões, até no de Colombo) acabaria por vencer a Loba Itália, o que, de facto se deu, podendo ele mesmo cumprir o que havia prometido, isto é, (servindo de eco a nossa voz...), “substituindo a loba itálica, da praça principal de Adis-Abeba, pelo Leão de Judá, graças ao poder do cavalo alado, ou seja, S. Jorge, precioso símbolo agartino, ou do Cavaleiro *Akdorge*, *Maitri* ou *Maitreya* como décimo avatara de *Vishnu*, ou o Redentor-Síntese da Humanidade. E como S. Jorge também seja patrono da velha

Albion, a velha *Gália*... tal acontecimento se deu com o valioso auxílio do referido país: a Inglaterra.

Quanto a *Hailé Selassié*, viveu sempre protegido pelas duas iniciais de seu nome, ou seja, H e S, desde que o J que lhe falta, ao termo Judá pertence... *Judá*, *Jove*, *Jeove* ou *Jeovah*...

Infelizmente, o precioso símbolo da velha *Romakapura*, ou seja, “a loba que amamenta Romulus e Remulus”, (pseudo-fundadores de Roma), por mais sagrado que seja, acabou por cair em mãos profanas, para não dizer, indignas... Mãos cobertas de crepe, ou de negra musseline... luto pesado sobre uma nação de génios, de artistas, e até de Adeptos...

Romulus e *Remulus*, *Castor* e *Pollux*, *Helios* e *Selene*, todos Gémeos Espirituais, amamentados com o precioso leite que deu nome ao continente *Pushkara* (o sétimo ou nosso), ou seja, o de “mar de leite, de manteiga clarificada”, como dizem as velhas escrituras orientais. Sem falar do lugar em que a nossa Obra nasceu, Montanha Sagrada, projecção granítica da Serra da Mantiqueira ou mantigueira, como objecto que é de guardar tão precioso alimento...

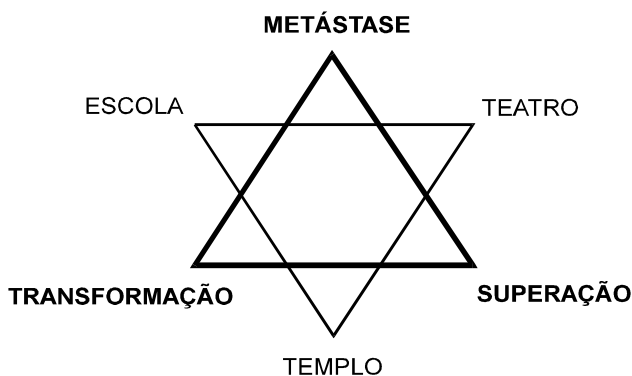
Eram pois *Romulus* e *Remulus* (pouco importa que não o saiba a História) *Romulus* e *Kapura*, donde provém o próprio nome da velha cidade atlante, mais acima apontada, *Romakapura*...

Henrique José de Sousa
in “Símbolos e Brasões”, *Dharaná* nº 111 de 1942

O ASPIRANTE A GUERREIRO

Uma das coisas que um aspirante a Guerreiro deve, desde logo, compreender é que a palavra “Guerreiro” corresponde, na conceituação eubiótica, a um complexo de conotações e que a não ser que as reconheça, primeiro e, depois, as vivencie existencialmente, o significado “guerreiro” não terá qualquer relação com os significantes, isto é, não passará de um termo vazio de conteúdo, uma abstracção.

Para aspirar á sua condição de Guerreiro deve, então, o aspirante corporizar, como itinerário a percorrer, as linhas mestras do duplo triângulo preconizado pela filosofia eubiótica, ou seja, na sua concatenação com o Hexagnon Sagrado, expressando o 2º Trono



nas suas duas componentes: individual e grupal.

A análise deste hierograma evidencia que o nível de “Transformação” se integra nos vértices “Teatro” e “Escola” e que a etapa da “Superação” tem como pólos de realização a “Escola” e o “Templo”, culminando tudo no ápice do hexágono, no ponto “Metástase”, o qual corresponde à iniciação do aspirante, como Guerreiro.

O Hexagnon Divino, símbolo do 2º Trono, configura, pois, o caminho que o aspirante deve percorrer no seu afã de reintegração, a sua Metanoia.

A ESPADA

“A espada do Santo, bendito seja ele,
é formada do tetragrama;
o Yod é o botão de seu punho,
o Vov (ou Vau) a lâmina,
os dois Hé, os dois cortantes”.

Zohar, III, 274b

Desde tempos imemoriais a cavalaria vem usando a espada como símbolo de poder. Poder aliás de natureza dupla: destruidor e construtor.

Flamejante no seu brilho metálico ela representa o poder do relâmpago, poder do espírito que é capaz de conduzir o ser á iluminação, ou seja, de reacender nele esse “fogo primordial” que dissipa a ignorância da separatividade. Assim, a espada é por excelência o “instrumento mágico” do guerreiro do espírito – o discípulo da Via Sagrada – que o auxiliará a cortar sucessivamente os elementos negativos da sua personalidade, esses “maus hábitos” que inquinam o seu ser e o mergulham na escuridão ignorante e no sofrimento.

É dito que dois anjos munidos de espadas flamejantes expulsaram Adão do paraíso.

E não colocou Deus dois querubins, (Gen. 3.24), munidos de espadas de fogo rodopiantes guardando o caminho que conduz á Árvore da Vida?

Os querubins protegem pois a entrada daqueles que não readquirirem a pureza original!

Deus, tem por nome sagrado as quatro letras hebraicas que originaram as designações JEOVÁ ou IAVÉ, mas seu nome era e é algo de tal forma sagrado que o sacerdote apenas uma vez ao ano as pronunciava e, segundo Michel Coquet, “de acordo com certas normas teúrgicas bastante severas”. Assim, os hebreus ao lerem esse nome sagrado jamais o pronunciavam e substituíam-no por ADONAI, que significa SOL.

Ora I.H.V.H. representa precisamente o ADÃO KADMON – o homem antes da queda, o estado de pureza que o “guerreiro do espírito” almeja reintegrar...